

AUTA DE SOUZA X NÍSIA FLORESTA: RECONHECIMENTO E SILÊNCIO NO ESPAÇO DAS LETRAS FEMININAS DO SÉCULO XIX

Genilson de Azevedo Farias¹
Lucicleide da Silva Araújo (co-autor)²

RESUMO

Este trabalho busca entender, a partir de leituras de gênero, como se deu a percepção de duas intelectuais oitocentistas no seio do espaço público das letras, a saber: Auta de Souza (1876), e Nísia Floresta (1809-1885). Sobre elas, cabe destacar que eram conterrâneas nascidas na Província do Rio Grande do Norte e que tinham um objetivo também comum: o reconhecimento na imprensa escrita, lugar este capitaneado por uma crítica masculina e excludente. Nisso, a aparente submissão de Auta de Souza, aqui entendida como uma “estratégia de poder”, e o “comportamento transgressor” de Nísia Floresta, servirão como base para refletirmos as vivências e o cotidiano das mulheres escritoras no século XIX. Numa perspectiva interdisciplinar, buscamos compreender os lugares de fala, os espaços silenciados e revelados na postura de cada uma dessas mulheres, que nos conduzirão a um entendimento sobre a limitação da presença feminina na esfera pública, e sua aparente locação na esfera privada. Nesse sentido, o nosso trabalho busca versar sobre o “silenciamento das vozes femininas” no contexto intelectual brasileiro nos idos dos oitocentos, trazendo assim, novos elementos para se pensar as vivências de mulheres também num contexto nordestino.

PALAVRAS-CHAVE: Auta de Souza, Nísia Floresta, Escrita feminina nos oitocentos.

INTRODUÇÃO

Durante muito tempo os estudos sobre as mulheres foram relegados a um segundo plano, visto que as várias nuances das áreas de conhecimento não primavam por tal enfoque. Contudo, o estudo de gênero veio adquirindo espaço preponderante nas últimas décadas e cada vez mais o objetivo dessa análise não é estudar a mulher em detrimento do homem, ou a mulher isoladamente do homem, mas sim as suas relações sociais, daí a denominação do

¹ Aluno do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/UFRN (genilson.farias1@gmail.com).

² Graduanda pelo Departamento de História/UFRN (luciaraujo_hist@yahoo.com.br).

nosso estudo como sendo um exemplo que é pautado na categoria de gênero enquanto categoria de análise³.

De forma geral, este trabalho busca enfatizar duas escritoras oitocentistas do Rio Grande do Norte: Auta de Souza (1876-1901) e a Nísia Floresta (1810-1885), sobretudo no que tange às suas atividades intelectuais. Criadas no seio de uma cultura patriarcal e católica bastante arraigada às tradições, para se firmarem enquanto escritoras, Auta e Nísia tiveram de superar barreiras de gênero em uma época extremamente preconceituosa excludente, sobretudo para com as mulheres que se dedicavam à escrita.

Nísia e Auta seguiram padrões de vida e de escritas diferentes. Nísia em pleno século XIX foi abolicionista, republicana, indianista e feminista. Em contrapartida, Auta aparentemente seguiu uma conduta moral e intelectual mais recatada a ponto de não ferir, ao que nos parece, os valores da época. Assim, nossa pesquisa busca entender duas trajetórias distintas mais com um mesmo objetivo: o espaço do reconhecimento no panteão da intelectualidade.

Ao analisar a trajetória destas mulheres sob um viés que se utiliza do gênero enquanto categoria de análise sentimos a necessidade de observar as relações sociais por elas vivenciadas e o contexto patriarcal a que estavam inseridas. Além disso, ao destacarmos o papel de Auta e Nísia nesta sociedade, evidenciaremos também qual o lugar ocupado pelos homens brancos e ricos, para os quais as mulheres deveriam se manter submissas seguindo o modelo católico da época.

1. BREVES TRAJETÓRIAS DE VIDA: AUTA DE SOUZA E NÍSIA FLORESTA

Auta de Souza nasceu em 12 de Setembro de 1876, no seio de uma família bastada da cidade de Macaíba que à época figurava enquanto a principal cidade da Província do Rio Grande do Norte. Auta foi a única menina entre os seus quatro irmãos⁴. Estudou no

³ A respeito da discussão do gênero enquanto uma categoria de análise que busca entender os papéis sociais desempenhados pelos indivíduos nas diferentes sociedades, veja-se SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade. V. 20 (2) 71-99. Jul/dez. 1995.

⁴ Por ordem de nascimento, os cinco irmãos eram: Eloy Castriciano de Souza, Henrique Castriciano de Souza, Irineu Leão Rodrigues de Souza, Auta de Souza e João Cândio Rodrigues de Souza.

Colégio São Vicente de Paulo, colégio religioso do Recife regido sob o regime de internato e destinado ao ensino de meninas (GOMES, 2000).

A exemplo de outras escolas da época, o referido colégio promovia um determinado padrão de educação em que evidenciava e legitimava a sociedade patriarcal cujos valores enfatizavam apenas que as mulheres deveriam se adequar a um modelo ideal ou seja, ele preparava as moças para serem freiras resignadas ou esposas devotadas (FALCI, 1997).

Aos 17 anos iniciou sua produção poética e com 18 estreou na imprensa publicando poesias na revista *Oásis* de Natal. Embora fosse intelectual numa época em que a escrita feminina nem sempre fosse bem vista, com o mundo das letras marcadamente masculino e branco, sua vida literária foi prolixa, atuando na imprensa de todo o país (TELLES, 2004: 408). Todavia, ficou conhecida como a principal poeta norte-rio-grandense através do livro de poemas: *Horto*. Mas acometida de tuberculose desde os 14 anos, Auta faleceu aos 24, no dia 7 de fevereiro de 1901.

Após sua morte, Auta foi transformada num mito dentro do nosso Estado por intelectuais e estudiosos da sua vida e obra, que lhe alçaram à condição de mulher modelo, caracterizada como a moça religiosa que, sendo tuberculosa, sofreu até o limite de suas forças, mas que deixou um livro que a eternizou (CASCUDO, 1961: 73).

Todavia esses mesmos intelectuais não deram atenção para a excepcionalidade de sua condição: mulher, intelectual e negra nos oitocentos, três indicadores de subalternidade numa época em que se margeavam as mulheres, sobretudo as escritoras bem como os libertos da escravidão.

Nísia Floresta Brasileira Augusta (1809-1885) por sua vez, nasceu num pequeno sítio de propriedade de seus pais na então vila de Papary, Rio Grande do Norte, localidade esta que hoje recebe seu nome (DUARTE, 2008). Casou aos 13 anos contra sua vontade com um rapaz que não simpatizava escolhido convenientemente pela sua família. No ano seguinte deixou o marido e fugiu para a cidade do Recife o que foi responsável pelo repúdio da sua família bem como do lugarejo onde nasceu.

Na cidade do Recife atuou como professora tendo que sustentar com o seu trabalho sua mãe e três irmãos uma vez que seu pai havia sido assassinado em 1828. Em 1832 traduziu e publicou *Direitos das mulheres e injustiça dos homens* obra da escritora inglesa Mary Wollstonecraft (1759-1797) enfrentando os preconceitos da sociedade patriarcal da época. A essa época reivindicou também o direito de igualdade e educação para as mulheres.

Nesse mesmo ano conhece Augusto de Faria Rocha, advogado e acadêmico, por quem se envolve afetivamente e com quem teve uma filha. Posteriormente fica viúva. Sua vida foi bastante produtiva intelectualmente, publicou diversos livros levantando e defendendo questões de diversas ordens: Indianismo, Abolicionismo, Republicanismo e Feminismo (DUARTE, 2008). Não é de se admirar que sua atuação e personalidade despertaram polêmicas no meio social dominante da época que contribuíram para o ostracismo ao qual Nísia foi relegada até certo tempo. Nísia faleceu em 24 de abril de 1885 na cidade de Rouen, França vitimada de pneumonia.

2. AS ESCRITURAS

Segundo Norma Telles, a leitura será determinada pelo lugar ocupado por um leitor na sociedade e num dado momento histórico. “Portanto, é feita através do crivo de classe, raça ou gênero. Essas mesmas noções de classe, raça e gênero são mutáveis e construídas no decorrer da história” (TELLES, 2004: 402). Nesse sentido, em momentos mais recuados da civilização humana o privilégio do estudo, bem como da leitura foi restrito quase que exclusivamente aos homens das classes abastadas.

Não é a toa que enquanto os homens liam Platão e Aristóteles, até meados do século XIX, as mulheres aprendiam as primeiras letras e eram educadas para o casamento, aprendendo nas escolas ou em seu lar as prendas domésticas de modo que ao terem a sua primeira menstruação já deveriam se casar (FALCI, 1997). Gilberto Freyre por exemplo, salientou para o hábito das mulheres casarem bem cedo no Brasil, aos doze, treze, quatorze anos.

Aos quinze anos dentro de casa os pais já começavam a fazer promessas a Santo Antônio ou São João. Antes dos vinte anos, estava a moça solteirona. A idéia é que as moças deveriam casar em tenra idade e após o casamento, adquiriam ar de velhas muito depressa. “Seus traços perdiam a delicadeza e o encanto. (...). Aos dezoito anos, já matronas, atingiam completa maturidade. Depois dos vinte decadência. Ficavam gordas, moles. Criavam papada. Tornavam-se pálidas. Ou então murchavam” (FREYRE; 1998: 347).

Na alçada desse processo, o século XIX foi marcado e conhecido pelo hábito da leitura, sobretudo de romances. Momento este em que também passou a ganhar um novo público leitor: as mulheres burguesas. Essa foi uma época bastante profícua para um grande

número de mulheres porque a partir daí também começaram a escrever e publicar, tanto na Europa quanto nas Américas (TELLES, 2004: 403).

Todavia, mesmo com essa abertura, as mulheres continuaram a ser excluídas de uma participação ativa na sociedade ao mesmo tempo em que foram impedidas de aprofundarem os estudos e de cursarem o ensino superior. Em sua grande maioria, as mulheres oitocentistas ficavam relegadas ao espaço doméstico e resguardadas pelos pais, irmãos, maridos ou senhores (TELLES, 2004: 408).

Aquelas que buscaram se sobrepor a estas barreiras pondo abaixo as imposições sociais de um contexto altamente sexista e discriminatório, como também o domínio masculino sobre as mulheres tiveram suas obras e imagens rechaçadas e banalizadas. Podemos citar o exemplo de Nísia Floresta Brasileira Augusta, conterrânea de Auta de Souza.

Em seu texto, Sherry B. Ortner fez a diferenciação entre o conceito de natureza e cultura e de como eles foram atrelados ao homem e a mulher estrategicamente e com objetivos bem definidos em diferentes sociedades. Tendo em vista uma série de fatores que se ligam à anatomia do corpo, à procriação, à criação dos filhos e ao domínio do espaço doméstico, a mulher foi sendo identificada como sendo mais próxima da natureza a qual foi por muito tempo vista como sendo inferior à cultura.

O homem por sua vez, foi associado ao âmbito da cultura ao qual esteve vinculado e sendo proprietário de outros domínios da atividade do pensamento cultural e da ação humana de transformar. Assim, Ortner coloca:

Portanto, os homens são identificados não somente com a cultura, no sentido de toda criatividade humana, mas como opondo-se à natureza; eles são identificados em particular com a cultura no sentido antigo da manifestação mais elevada do pensamento humano – arte, religião, leis e etc”. Novamente aqui, está claro o raciocínio da lógica cultural classificando a mulher numa ordem de cultura inferior ao homem e aparentemente muito constrangedora. (ORTNER; 1979: 109).

Nesse sentido, sendo as mulheres oitocentistas vinculadas por diferentes fatores à natureza, como poderiam elas se atrelarem ao espaço da escrita, espaço este pertencente ao âmbito da cultura? Além disso, houve todo um discurso médico e biológico que subordinava a mulher ao homem e a relegava ao espaço da casa. Quando as mulheres exerciam poder, tal como Nísia Floresta, frequentemente eram tidas como ilegítimas e escandalosas.

Os caminhos pelos quais elas deveriam ganhar prestígio, visibilidade e um sentido de valor eram associados ao mundo doméstico e de subserviência (ROSALDO, LAMPHERE; 1979). Sobre a atuação das mulheres nos espaços atribuídos aos homens e, sobretudo no espaço intelectual, nos fala Gilberto Freyre:

Raras as donas Veridianas da Silva Prado, cuja intervenção em atividades políticas superasse a dos maridos ainda vivos: as que existiram - quase todas já no fim do tempo do Império - **foram umas como excomungadas da ortodoxia patriarcal, destino a que não parece ter escapado a própria Nísia Floresta com todo seu talento e todas suas amizades ilustres na Europa.** [...]. Nas letras, nos fins do século XIX, apareceriam uma Carmem Dolores, depois uma Júlia Lopes de Almeida. Antes delas, quase que só houve bacharelas medíocres, solteironas pedantes ou simplórias, colaboradoras do “Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro”. E assim mesmo foram raras. **Nísia Floresta surgiu como uma exceção escandalosa. Verdadeira machona entre sinhazinhas dengosas do meado do século XIX.** No meio dos homens dominando sozinhos todas as atividades extradomésticas, e as próprias baronesas e viscondesas mal sabendo escrever; dos senhores mais finos e soletrando apenas livros devotos e novelas que eram quase histórias de trancoso, **causa pasmo ver a figura como a de Nísia.** (FREYRE, 2004: 224-225, Grifos Nossos).

Sobre esse contexto sexista e discriminatório é relevante lembrar que a imagem imposta às mulheres foi algo construído pela sociedade dita patriarcal, de modo que, conforme Beauvoir, não se nasce mulher e sim se torna mulher. Além disso, não se procura neste estudo restringir a situação das mulheres e sim observar as relações sociais analisando aspectos, como etnia, classe, identidade sexual e étnica (SCHUSSLER FIORENZA, 2009).

Relacionando Auta a Nisia Floresta, percebemos nitidamente duas condutas distintas, na qual a primeira é considerada como modelo de mulher por se mostrar seguir os padrões de conduta da sociedade vigente enquanto sua contemporânea não se submete e se contrapõe. Assim, Eva e Maria certamente se fazem presentes nesse imaginário católico, uma vez que na sociedade patriarcal enquanto a primeira é aquela que desobedece e que é expulsa do paraíso, a segunda se mostra obediente e submissa, conforme pode ser observado pelos autores da hermenêutica feminista.

No que diz respeito à comparação entre ambas, Forte destaca que: “Em Maria, Eva redescobre qual é a verdadeira dignidade da mulher, da humanidade feminina. Essa descoberta deve continuamente chegar ao coração de cada mulher e dar forma à sua vocação e

a sua vida” (FORTE; 1991: 27). Assim, diferentemente de Nísia Floresta que colocou à mostra e questionou todas as agruras de uma sociedade que vivia sob o domínio masculino, nos parece que Auta correspondeu aparentemente a um padrão de mulher desejado pela sociedade masculina da época.

Sem sombra de dúvidas este foi um dos motivos mais preponderantes da sua obra ter alcançado tamanha aceitação na imprensa brasileira da época. Assim, sempre que falarmos em escrita feminina no século XIX a obra de Auta vai ter grande importância, sobretudo por ela representar uma pequena parcela de mulheres que ficaram conhecidas pelo hábito da escrita e como todas elas, também teve de romper barreiras até adquirir seu espaço.

A antropóloga Marisa Corrêa em seu estudo, dedicou-se a observar a trajetória de algumas mulheres que ficaram célebres no campo antropológico pela sua atuação enquanto esposas de renomados pesquisadores, enfatizando o caso de Dina Lévi-Strauss, esposa de Lévi-Strauss. Observando o exemplo de Dina, e de tantos outros personagens que foram relegados ao silenciamento e sobre a notoriedade retrospectiva de Lévi Strauss⁵, é que Marisa Corrêa se pergunta: o que foi feito das pesquisadoras nessa história?

Todas estiveram no campo e parecem ter sido auxiliares de pesquisa inestimáveis. A exemplo de Edith Tuner, esposa de Victor Turner, muitas esposas foram antropólogas ao lado de seus maridos famosos, dividindo com este todo o fardo da pesquisa etnográfica. Exemplos como este são tendenciosos como se, sendo esposa, a parceira se tornasse menos visível e merecesse menor atenção do que o seu marido (CORRÊA; 2003: 23).

Mais o fato é que entre o final do século XIX e o início do século XX, era raro uma mulher estar em busca de renome, sendo o mais comum o caso de pesquisadoras dublês de esposas. Aquelas que buscaram se sobrepôr, foram, muitas vezes perseguidas por pesquisadores homens, tal como foi o caso de Ruth Landes quando ela esteve no Brasil para estudar o candomblé da Bahia a qual sofreu a represália de dois antropólogos⁶. Dessa forma,

⁵ A “notoriedade retrospectiva”, isto é, o modo como o renome adquirido a partir de um certo momento pode iluminar a vida inteira de um personagem, e em alguns casos até mesmo após sua morte (CORRÊA; 2003: 21).

⁶ Em artigo publicado posteriormente sobre o tempo em que passou no Brasil, ela afirma que tais perseguições se deram, principalmente pelo fato de ser uma pesquisadora sozinha e que não estava sob a tutela de um pesquisador-marido, não pertencia a uma equipe profissional nem também estava respaldada num sobrenome paterno, como foi o caso de Heloisa Alberto Torres.

se essa repulsa às mulheres intelectuais se processou com tamanha violência no início do século XX e no decorrer de todo ele, como então não deveria ser isso no século XIX?

Para se firmarem e se projetarem enquanto intelectuais, as mulheres oitocentistas tiveram de enfrentar dificuldades de diferentes naturezas. No caso de Auta isso não foi diferente. As mulheres abastadas do século XIX eram incentivadas ao aprendizado das “prendas domésticas” e educadas para o momento do matrimônio (TELLES, 2004: 403)⁷. Assim, Auta foi um desvio a este padrão, pois sua formação sobrepunha-se ao que se considerava necessário às mulheres da época⁸.

Também havia o fato de Auta ser tísica em um momento que os vitimados por esta doença eram considerados verdadeiros mortos sociais, haja vista que a doença não tinha cura e ser contagiosa. Outro fato que merece destaque gira em torno de Auta ser negra em plena época da recém abolição. Auta era declarada socialmente enquanto morena, atenuando sua ancestralidade afro-descendente (GOMES, 2000).

Em contrapartida, ao seu favor havia o fato da família paterna de Auta de Souza ser muito bem relacionada com os membros da família Albuquerque Maranhão desde o período provincial. Relações estas que conferiram a Henrique Castriciano, Eloy e Auta de Souza, uma maior abertura nos campos político, social e cultural da capital potiguar no momento em que a capital vivenciava a sua Belle Époque.

A exemplo de outras escritoras oitocentistas, Auta se valeu do uso de pseudônimos, talvez por medo das críticas ou como forma de estratégia para não se comprometer e comprometer os seus irmãos, que também foram escritores. Mas o fato é que Auta lutou contra as próprias inibições pessoais e se sujeitou à crítica literária da época composta em sua essência por homens, homens estes que menosprezavam as escritoras e conferia-lhes o título de “poetizas”, um título menor e depreciativo que as desqualificavam em contraposição ao homem, o “verdadeiro poeta”.

⁷ A educação ideal para uma moça burguesa oitocentista incluía o aprendizado do bordado, o crochê e o trato social, afinal, estas moças se preparavam para serem esposas de homens bem posicionados política, econômica e socialmente. Além de estudarem alguma língua estrangeira, em especial o francês e ter noções de música e literatura religiosa, deveriam também tocar piano.

⁸ Neste período, devido à concepção discriminatória, a mulher só atingia três anos de escolarização regular, aprendendo operações matemáticas simples, leitura e escrita como mostra Ana Laudelina Ferreira Gomes em sua tese de doutorado (GOMES, 2000). Segundo esta cientista social, após os três anos de estudos regulares, Auta se dedicou ao Auto-ditatismo.

Um exemplo de texto que elege mais que também menospreza a poesia de Auta, é o prefácio de seu livro *Horto*, prefácio escrito por Olavo Bilac que o fez a pedido do amigo Henrique Castriçano. Aquele, foi considerado o maior poeta segundo a crítica literária da época. Em seu texto, Bilac escreve:

E o encontrar entre os livros de versos (tantos, Santo Deus!) que por aí se publicam, um livro como este, de tão simples e ingênua sinceridade, é coisa que surpreende e encanta. **Não há nas estrofes do Horto o labor pertinaz de uma artista, transformando as suas idéias, as suas torturas, as suas esperanças, os desenganos em pequeninas jóias, [...].** (BILAC, 2009: 29). (Grifos nossos).

Assim, embora o escritor demonstre surpresa por ter encontrado um livro de tamanha expressão poética, ele também afirma não haver no *Horto* o trabalho elaborado de um artista. Eram de críticas como estas que as escritoras se mostravam temerárias, medo que as levavam a destruir suas próprias composições extinguindo a possibilidade de se tornarem conhecidas no espaço público e inclusive no espaço familiar.

Também não podemos esquecer o fato de que Auta foi irmã de importantes personalidades da política e da imprensa da época e que possivelmente ela aproveitou destas aberturas para se inserir nesse campo tão seletivo que era a intelectualidade. De forma bastante estratégica, ela aproveitou as facilidades que se abriram e, quem sabe, a escolha da sua linguagem poética também tenha sido uma estratégia.

Possivelmente, ao escrever sobre temas vistos como simplórios como: crianças, religiosidade católica, poemas de cunho sentimental que foram dedicados às amigas e aos seus familiares mais próximos, Auta não enfrentava os dogmas de sua época, e assim se tornaria mais fácil seu ingresso no mundo das letras como era sua vontade.

Dessa forma, ao nosso ver, a trajetória de vida de Auta demonstra resistência e força. Ao contrário da visão que ainda permanece no imaginário social potiguar e que a qualifica enquanto moça sofredora, nosso estudo vem contrapor-se a essa imagem revelando uma que teve que driblar os preceitos e valores de sua geração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após analisarmos em linhas gerais Auta e Nísia sob o olhar do gênero enquanto uma categoria de análise, observamos como esta abordagem nos possibilita uma visão crítica desse

período em que, ao contrário de Auta, algumas mulheres ficaram conhecidas por sua atuação intelectual, mas foram rechaçadas e relegadas ao ostracismo porque criticavam os valores sexistas e conservadores da época, um exemplo disso, foi Nísia Floresta.

Assim no presente artigo, Auta e Nísia revelam-se enquanto janelas através das quais podemos visualizar todo um contexto social de lutas e conquistas femininas, uma vez que elas tiveram que enfrentar barreiras pondo abaixo imposições de ordens diversas. Dessa forma, sempre que falarmos em mulheres intelectuais oitocentistas, Auta e Nísia, serão ícones, principalmente quando contrastamos suas personalidades e visualizamos que outras tantas mulheres foram rechaçadas e banalizadas pelos valores e ideais de uma sociedade regida pelos ditames masculinos e de face marcadamente androcêntrica.

REFERÊNCIAS

- BILAC, Olavo. Prefácio da 1ª Edição. In: SOUZA, Auta. *Horto*, outros poemas e ressonâncias: Obras reunidas. Natal: EDUFRRN. 2009.
- CASCUDO, Luis da Câmara. *Vida breve de Auta de Souza: (1876-1901)*. Recife: Imprensa Oficial, 1961.
- CORRÊA, M. *Antropólogas & Antropologia*. São Paulo: Humanitas, 2003.
- DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta: vida e obra*. 2.ed. Natal: EDUFRRN, 2008.
- FALCI, Mirian Knox. Mulheres do Sertão Nordestino. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto.1997.
- FORTE, Bruno. *Maria, a mulher ícone do Mistério*. São Paulo, Paulinas, 1985.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 34 ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- _____. *Sobrados & Mucambos: Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 15 ed. São Paulo: Global, 2004.
- GOMES, Ana Laudelina Ferreira. *Auta de Souza: representações culturais e imaginação poética*. Tese de Doutorado. Programa de Estudos e Pós-graduação em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, abril 2000.
- ORTNER, S. Está a mulher para a natureza, assim como o homem para a cultura? In: Rosaldo, MICHELLE Z. & LAMPHERE, L. *A mulher, a cultura, a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- SCHUSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Caminhos da sabedoria: uma introdução à interpretação Bíblica feminista*. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2009.



Anais do III Congresso Internacional de História da UFG/
Jataí: História e Diversidade Cultural. Textos Completos.
Realização Curso de História – ISSN 2178-1281

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. V. 20(2) 71-99. Jul/dez. 1995.

ROSALDO, M. Z. & LAMPHERE, L. Introdução. In: *a mulher, a cultura e a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas e escrituras. In: PRIORE, Mary Del (Org). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004. P. 401-442.